

REVISTA GERAÇÃO DE 20

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA NA BAHIA

v. 3 n. 2 julho/dezembro 2023



REVISTA GERAÇÃO DE 20

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA NA BAHIA

v. 3 n. 2 julho/dezembro 2023

ISSN 2764-4014

Este projeto foi contemplado pelo edital Diálogos Artísticos – Bicentenário da Independência na Bahia com apoio financeiro da Fundação Cultural do Estado da Bahia, unidade vinculada à Secretaria de Cultura da Bahia (FUNCEB/SECULTBA).



Apoio Financeiro:

FUNDAÇÃO
CULTURAL
ESTADO DA
BAHIA

**fun-
ceb**

GOVERNO DO ESTADO

BAHIA

SECRETARIA
DE CULTURA

OBJETIVO DA REVISTA

A Revista Geração de 20 é um periódico físico e digital, respaldado pelo Centro Brasileiro do ISSN, que promove a literatura e as artes visuais produzidas por artistas independentes de Feira de Santana e região.

LINHA EDITORIAL

A revista visa publicar o trabalho de artistas independentes que não encontram espaços para expor suas obras de arte. Buscamos divulgar quem está surgindo na cena artística, porém, artistas que desenvolvem um trabalho há mais tempo também são bem-vindas. Não publicamos trabalhos que contenham qualquer categoria de preconceito e/ou reforcem discursos de ódio.

FORMATOS

Aceitamos poemas escritos em versos livres ou em formas fixas; contos, crônicas, minicontos, cartas, etc.; desenhos, pinturas, esculturas, gravuras, ilustrações, fotografias, etc.

AVALIAÇÃO

Após prévia consideração da equipe editorial, que verifica se as regras do edital estão devidamente atendidas, as inscrições são avaliadas pela equipe de pareceristas, que pode aceitar ou recusar a obra de arte para publicação. Em caso de exceção, a decisão final caberá às editoras.

PERIODICIDADE

A Revista Geração de 20 publica duas vezes ao ano, com periodicidade semestral. A chamada para inscrição ocorre em momentos oportunos e é divulgada no site e nas contas oficiais da revista nas redes sociais.

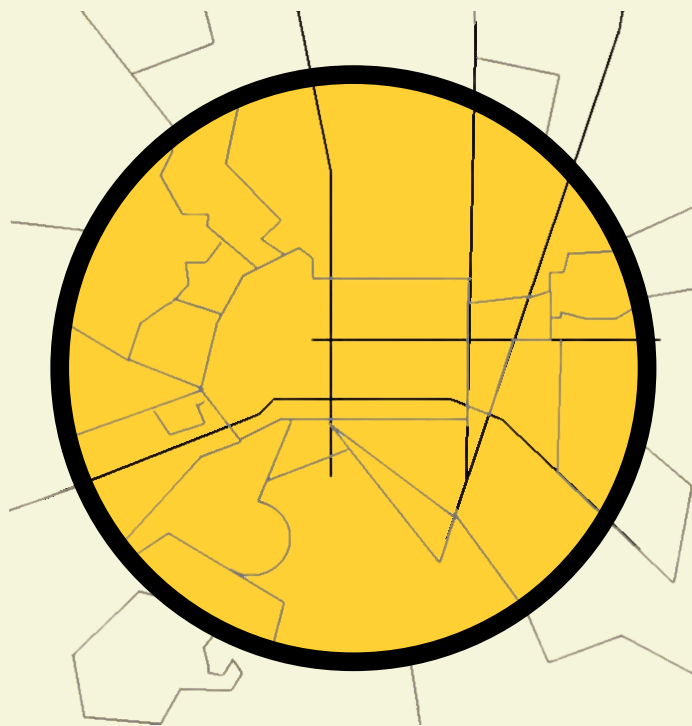
COMO REFERENCIAR

ÚLTIMO NOME, Primeiro nome da pessoa autora da obra. Título da obra. *Título da Revista*, local de publicação, volume do fascículo, número do fascículo, p. (página inicial e final da obra), mês, ano de publicação.

EXEMPLO

LAVOISIER, Celso. Um breve ensaio sobre o sentido da Arte. *Revista Geração de 20*, Feira de Santana, v. 1, n. 1, p. 33-34, jul./dez. 2021.

DIREITOS AUTORAIS



Logotipo da Revista Geração de 20

Motivadas pelo objetivo de nos reconectar cada vez mais com as nossas raízes feirenses, decidimos fazer uma atualização na identidade visual da Revista Geração de 20. Nós optamos pela fonte “Xilosa”, que faz uma releitura da fonte utilizada na xilogravura e na literatura de cordel, técnica de gravura e gênero literário tão presentes no Portal do Sertão.

Além da fonte, também atualizamos o ícone que forma o nosso logotipo. O seu conceito parte do mapa artesanal dos limites dos bairros da região central de Feira de Santana, desenhado por Andrevrugas. A obra original está licenciada sob a licença Creative Commons CC POR 3.0 e foi adaptada para o desenvolvimento do nosso novo logo.

O conteúdo desta revista é licenciado sob uma licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional

EQUIPE EDITORIAL

EDITORE

Dee Mercês – Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil

COMISSÃO EDITORIAL

Clareanna Santana – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, Brasil

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Dee Mercês – Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil

REVISÃO DE TEXTOS

Aline Haar – Estácio, Rio Grande do Sul, Brasil

ASSESSORA DE MARKETING

Ana Beatriz Nascimento - Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil

PERIODICIDADE: Semestral

IDIOMA: Português, Brasil

AUTORE CORPORATIVO

Dee Mercês – Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil

Logradouro: Feira de Santana - Bahia - Brasil

CONTATOS

Redes sociais: Instagram, YouTube e Facebook

E-mail para contato: revistageracaode20@gmail.com

Site: www.geracaode20.org

CRÉDITOS

CAPA

Ronaldo Porto “Agrestino”

@euronaldoporto

@euagrestino

SUMÁRIO

EDITORIAL	7
ROGÉRIO SILVA	8
ALICE MORAES	10
JUCIANE REIS	12
DERIVÂNIA SANTOS	14
VIVIANE DIAS	16
FERNANDA SANTOS	17
ANA BEATRIZ NASCIMENTO	18
MANU PILGER	19
GILMARA DOS SANTOS BELMON BOMFIM	20
AMANDA CASTRO	21
RONALDO PORTO "AGRESTINO"	22
POETA ATANAEL BARROS	24
MARIA CLARA TUMBALALÁ	26
MATHEUS GUIMARÃES	27
ROBERTO NETO	28
LAISA MATTOS	29
DENYSE DE ALMEIDA DOS SANTOS	30
ALIKA DA LUA	31
ETELVINA MARIA DE JESUS NETA	33
ITHANA GOMES	34
JUAN GLAVEMBURGO	35
WILLIAM CONCEIÇÃO DOS SANTOS	37
BENTO MUTOBA	39
MACHADO DE JESUS	41
SARA ALMEIDA DE JESUS E JESUS	43
SHEILA ARAÚJO	45

EDITORIAL

Estimada pessoa leitora, chegamos, com muito esforço e perseverança, ao **volume 3 número 2** (popularmente chamado de “6ª edição”) da Revista Geração de 20.

Em 1973, o poeta Antônio Brasileiro, fundador da revista *HERA*, escreveu, no editorial do número três, que “O número fatídico de uma revista é o 3. O número 1 é o casual, do destino, o corajoso; o 2, sabemos nosoutros, é o mais fácil, segue o vácuo do rabo do 1.” 50 anos depois, nós experimentamos algo parecido, pois o volume três foi o que mais encontrou dificuldades para ser lançado.

Extrapolamos todos os prazos previamente estabelecidos devido a uma exaustão coletiva gerada pelo clima tenso de ameaça à democracia brasileira nas eleições presidenciais de 2022. Por isso, o lançamento do **volume 3 número 1** aconteceu tão tardiamente, em abril de 2023. Mas não esmorecemos, publicamos, confiamos e nos preparamos para seguir.

Demos um salto. Em setembro fomos contempladas pelo edital Diálogos Artísticos – Bicentenário da Independência na Bahia, lançado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB), unidade vinculada à Secretaria de Cultura da Bahia (SECULTBA).

Com esse importante apoio financeiro, nós publicamos esta edição, que registra e insere a contribuição artística de poetas negros (pretos e pardos), indígenas, transgêneros, não-binários e travestis, do Portal do Sertão, nas homenagens ao Bicentenário da Independência na Bahia.

Eis este número, composto por 25 poetas (mais o artista visual Agrestino) que, em seus poemas decoloniais, denunciam as injustiças sociais, desconstruem padrões e perspectivas coloniais impostas aos povos silenciados, oprimidos e colocados à margem da sociedade ao longo dos séculos, ou apontam novos caminhos a serem trilhados.

A tiragem aumentou – são 200 exemplares distribuídos gratuitamente no **Trânsito Poético Circular**, ação realizada na Escola Municipal José Tavares Carneiro, no distrito de Maria Quitéria; no Centro de Cultura Amélio Amorim/Feira de Santana; e no Colégio Estadual Joaquim Inácio de Carvalho, em Iará/Bahia.

Assim como também aumentou a vontade de continuar produzindo e divulgando a poesia de poetas independentes na década de 2020.

Boa leitura!
Equipe Editorial.

2 DE JULHO

Os refúgios da liberdade
surgiram de mãos femininas
que empunharam as armas
e se tornaram heroínas.

Mãos femininas
que abraçaram o povo baiano
e com deslumbrante coragem
expulsam o covarde tirano.

Foi o grito feminino
da nossa amada Bahia.
Foi a bravura de Quitéria.
A coragem de Joana Angélica.
E o esforço de Maria Felipa
que contribuíram para a liberdade da nação,
resgatando o brilho
para os brasileiros corações.

ROGÉRIO SILVA é natural de Água Fria/Bahia. Graduando em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XIV, escreve poesias desde a sua adolescência, cujas temáticas são diversas em composições.

MULHERES DA LIBERDADE

Gritos de liberdade
ecoaram nos ares da minha Bahia.
Meu povo valente
não tolerou a covardia.

Armas em punhos
objetivo em mente,
expulsar os tiranos
da terra de minha gente.

Partiram para guerra,
os destemidos cidadãos
guerreando com bravura
para não se sujeitar à opressão.

Em meio à resistência
Quitéria, Joana Angélica e Maria Felipa,
figuras femininas
que com suas bravuras
tornaram-se heroínas.
Construíram nossa história
E nos libertaram da triste sina.

ROGÉRIO SILVA é natural de Água Fria/Bahia. Graduando em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XIV, escreve poesias desde a sua adolescência, cujas temáticas são diversas em composições.

SOU MULHER, NÃO FUJO À LUTA!

Falar sobre a mulher
É tecer a sua história
Seu caminho não é fácil
Cenas ficam na memória
Até hoje trava lutas
Para momentos de glória.

E com força e coragem
Operárias se uniram
Em prol de salário digno
Nas ruas repercutiram
Repressão por toda parte
Porém elas resistiram.

A mulher tem seus direitos
Não é um ser sem valor
Chega de tanto machismo
Pense nisso meu senhor
Ela é uma joia rara
Pare com tanto terror.

Vemos muito preconceito
Não só na revolução
Tem mulher que é chamada
De piloto de fogão
Desmerecem nossa classe
Uma triste situação.

E aqui faço menção
À potência feminina
A nossa Maria Quitéria
Que se tornou heroína
Defendeu a sua pátria
Com honraria que fascina.

E para nossa Bahia
Conquistar a liberdade
Muita luta foi travada
Destruição pela cidade
Portugueses bem afoitos
Matavam sem piedade.

Surge então nesses confrontos
Uma serva do Senhor
Chamada Joana Angélica
Que não media favor
Foi morta covardemente
Oh, que povo sem amor.

Também Maria Felipa
Um nome sofisticado
Foi escrava e liberta
Corajosa um bocado
Lutou por Itaparica
Veja que grande legado.

Parabéns para as mulheres
E seus lindos ideais
Nunca baixem a cabeça
Nessa terra de mortais
Prossigamos na jornada
Brilhando cada vez mais.

ALICE MORAES é professora, natural de Feira de Santana/Bahia, mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Desde adolescente escreve poemas, ampliando suas artes para a literatura de cordel, contação de história, música e teatro. Seu lema é "Poetizar o Mundo"!

DIÁSPORA

A língua que eu trouxe
 não serviu
O nome que eu trouxe
 não serviu
A roupa que eu trouxe
 não serviu

Aqui, o solo é estranho
Aqui, o solo
Aqui
 Tudo é
 Estranho...
 Estranho.
 Estranho!

Eu sou
uma estranha

Aqui,
Apenas elas serviram
Apenas elas
Elas!
 Serviram-se delas

As minhas crianças
 Com elas, adubaram este lugar

A gritar-me das profundezas: Mãe!

À noite, elas arranham de dentro
 da terra
 de dentro
 do oco

Eu choro
Soluço
Respondo

Mamãe não vai agora
vá dormir
durma
até que a mamãe
enfim, pegue no sono.

JUCIANE REIS é prof.^a substituta do Departamento de Educação (DEDU) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Ti Ìyemonjá. Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Autora de *(Amor)talhamento*, Editora Kitembo, e *Umbilicus*, Editora Segundo Selo. Finalista do 6º Prêmio Kindle 2021 com *Xirê das Águas*. Vê a escritura como ofício-invocação ancestral e sagrado.

MATERNO

Seios fartos!

Mamam os filhos do mundo,
castos cobiosos de esperança.
Corre em nossas veias o sangue real,
nutridos de fé, força e potência racial.

Seios fartos!

Jorra o leite da mãe África.
Rompendo as estruturas,
espalham as vossas tradições.
Saúdo a mãe das nações.

DERIVÂNIA SANTOS é poetisa, contista, pedagoga e pós-graduada em Coordenação Pedagógica. Possui publicações nas antologias *Poetize 2021: seleção poesia brasileira* (2021); *A poética da Resistência* (2022); *Vozes da margem, vozes na margem* (2021) e *Mulheres* (2023).

MARIAS

Oh, Maria?
Corre aqui, está vindo o batalhão.
A mão empunha o bodoque,
a outra põe o menino no chão.
Lá se vai mais uma embarcação.

Marias com suas saias rodadas,
armadas de astúcia e coragem
defenderam os seus lares.

Muitos foram derrotados.
Maria Felipa, Joana, Adriana.
Não citadas nas histórias,
mas vivas em nossas memórias.
Crescem as tuas filhas.

DERIVÂNIA SANTOS é poetisa, contista, pedagoga e pós-graduada em Coordenação Pedagógica. Possui publicações nas antologias *Poetize 2021: seleção poesia brasileira* (2021); *A poética da Resistência* (2022); *Vozes da margem, vozes na margem* (2021) e *Mulheres* (2023).

FURTA-COR

As águas num arroio em minha face
continuam brotando quando vou ao mar.
Ainda sou eu uma água.
Ainda sou eu, pedra preta a furtar as cores
e tornar todo o meu corpo
preto rubro vermelho.
Então, regresso à África
de onde o espelho na água me fita.
E vejo a santa de minha avó disfarçada
e sei sua face genuína.
E não comungo mais em modo.
E não vislumbro de ser alva minha pele.
Sou eu toda preta.
Sou eu toda preta.

VIVIANE DIAS (1995) é mulher negra, nascida em Salvador/Bahia. Graduada em Letras e mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Passou a escrever depois do contato próximo com a literatura e acredita que a palavra pode libertar corpos, almas e povos inteiros.

INUNDAÇÃO

Eu sou a minha preta
que dança ao redor das águas
e samba.

Saia gira, gira.
Lábios de mel,
olhos de mel,
e aí, preta!

Eu sou a minha preta!
Eu sou a minha preta
e rio, rio,
para me inundar inteira
do rio-mulher que aprendi a ser.

FERNANDA SANTOS nasceu em Feira de Santana/Bahia, é poeta, graduada em Letras Vernáculas e mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). É professora da Rede Municipal e Estadual. Já participou de antologias poéticas e é autora do livro *Preciso Pôr Ordem Onde Não Há Ordem*.

MINHA VOZ

Eu sou a voz do meu povo
Que por muito tempo foi calada e oprimida
Meu passado, presente e futuro é escrito pela ancestralidade que carrego
Nossa história é escrita na força, garra, sangue e suor de mulheres
e homens pretos, que não são citados nos livros de História
Somos as verdadeiras heroínas e heróis
Somos a resistência, resiliência e evolução da verdadeira independência

ANA BEATRIZ NASCIMENTO é graduanda em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), professora, recitalista, pesquisadora dos estudos literários no ambiente virtual e vice-coordenadora do Movimento Poético Geração de 20.

A VOZ DA MULHER PRETA IRRADIA

Eu sou a voz da mulher negra invisibilizada,
A voz que mesmo intimidada; irradia,
As ideologias contra mim ora são simbólicas, ora são explícitas.
Eu sou a mulher negra maltratada, abusada, violentada e por séculos:
silenciada
Essa voz que também chorava ao dispor do próprio corpo,
Para o desejo sexual do outro,
Que se dizia o proprietário
Eu sou a voz da mulher negra
Mãe de filhos de pais brancos
A mãe do filho bastardo, enjeitado.
Não adianta silenciarem a minha existência
Negacionismos não me inferiorizam
Os olhares de nojo e deboche, muito menos
Ah, sim, quero mais desse menos
Eu quero a distância dos corações injuriosos
Que não irradiam a minha alegria
A voz da preta pobre, ecoa, para fora da periferia
A voz que te incomoda, a voz que te causa agonia.
Eu sou a voz da mulher negra
Que a sociedade capitalista achou que não cresceria
E que minha voz seja os gritos de outras mulheres pretas
Em repúdio à crueldade de um racismo escroto
Que pela intensidade em que maltrata, não se repudia.

MANU PILGER é mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), professora de Oratória e poetisa. Paralelo a sua atuação profissional, a poesia é uma paixão que ela alimenta desde a adolescência. Durante a pandemia a produção poética se tornou um escape ao isolamento social. Inscrevendo-se em vários concursos nacionais, foi classificada em três antologias poéticas, tendo dois poemas publicados, intitulados *O Inventor da Saudade* e *Leva-me com Você*.

VIDA, ESPERANÇA E INSURGÊNCIA

Não morre a mulher negra
que costura a sua vida
com os fios da luta da sua ancestralidade.

Não morre a mulher negra
que resiste a todo sistema que apequena a vida
com gestos de brutalidade.

Não morre a mulher negra
que sonha junto, esperança junto
e constrói diariamente a utopia.

Não morre a mulher negra insurgente
que encanta a gente com sua força e alegria.

Não morre a mulher negra que busca arduamente a justiça
para que ela abrace a paz.

A mulher negra que semeia
a libertação do seu povo não morre jamais.

(Tributo à Mãe Bernadete do quilombo Pitanga dos Palmares, Simões Filho/Bahia)

GILMARA DOS SANTOS BELMON BOMFIM é poetisa, natural de Amélia Rodrigues/Bahia, contadora de histórias, pedagoga e mestra em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professora da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Amélia Rodrigues e coordenadora pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Terra Nova/Bahia.

MEUS ANCESTRAIS

Meus ancestrais estão em mim
E por isso sangro, vermelho pau-brasil
E por isso carrego o gingado no quadril

Meus ancestrais me benzem
Cultuo todos os deuses que me fazem deusa
A raiz me faz árvore inteira

Tentaram quebrar nossos galhos
Podaram nossas manifestações
Mas há pés firmes na terra
Há pulsar nos nossos corações

E já foram tempos
Que mancharam nossa história
Luta por bens, malefícios
Guerras vencidas sem glória

E se foram, de tal modo ainda é
Marcas que chicoteiam a pele
Palavras que encobrem o bruto sentido
Mas continuamos com samba no pé

Meus ancestrais estão em mim
E nenhum silenciamento vai calar
A voz entoada na cantiga de roda
Novas sementes a germinar.

AMANDA CASTRO nasceu e reside em São Gonçalo dos Campos/Bahia. cursou licenciatura em Letras e especialização em Linguística pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Sempre gostou do universo literário e já publicou contos e poemas em algumas antologias.

A ARTE VISUAL DE AGRESTINO

Maria Quitéria de Jesus foi uma baiana negra, única mulher a ingressar no Exército e atuar nas lutas pela independência do Brasil travadas na Bahia contra os portugueses. Ela conseguiu essa façanha disfarçada em trajes masculinos ao utilizar o codinome “Soldado Medeiros”.

Após o fim do conflito e a vitória da tropa baiana, concretizada em 2 de julho de 1823 com a chegada triunfante do “Exército Libertador” a Salvador, Maria Quitéria foi reconhecida por sua bravura e condecorada ao grau de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Com o reconhecimento do povo e de jornais, ela é retratada e marcada na história do Brasil como “heroína”. As discussões em torno da sua identidade e pertencimento sempre foram significativas, mas eis que surge uma nova representação artística dela para esta edição da Revista Geração de 20.

Com o pseudônimo “Agrestino”, o artista visual baiano Ronaldo Porto assina as duas obras presentes, que representam a nossa ancestral, demarcada como a mulher negra que era, em um cavalo alado, portando aquele que se tornou, anos antes, o símbolo máximo dos ideais de liberdade no estado: a bandeira da Bahia de Todos os Santos.

RONALDO PORTO é graduando em licenciatura em Letras com Língua Francesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), pesquisador-bolsista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Orais (GEPPPO – CNPq), cocriador do Movimento Poético Geração de 20, coordenador artístico da Revista Geração de 20 e cocriador do Festival Geração de 20. Como artista visual ilustra as poéticas orais, inspirado nas narrativas sertanejas da Bahia com influências dos povos indígenas e da diáspora africana.

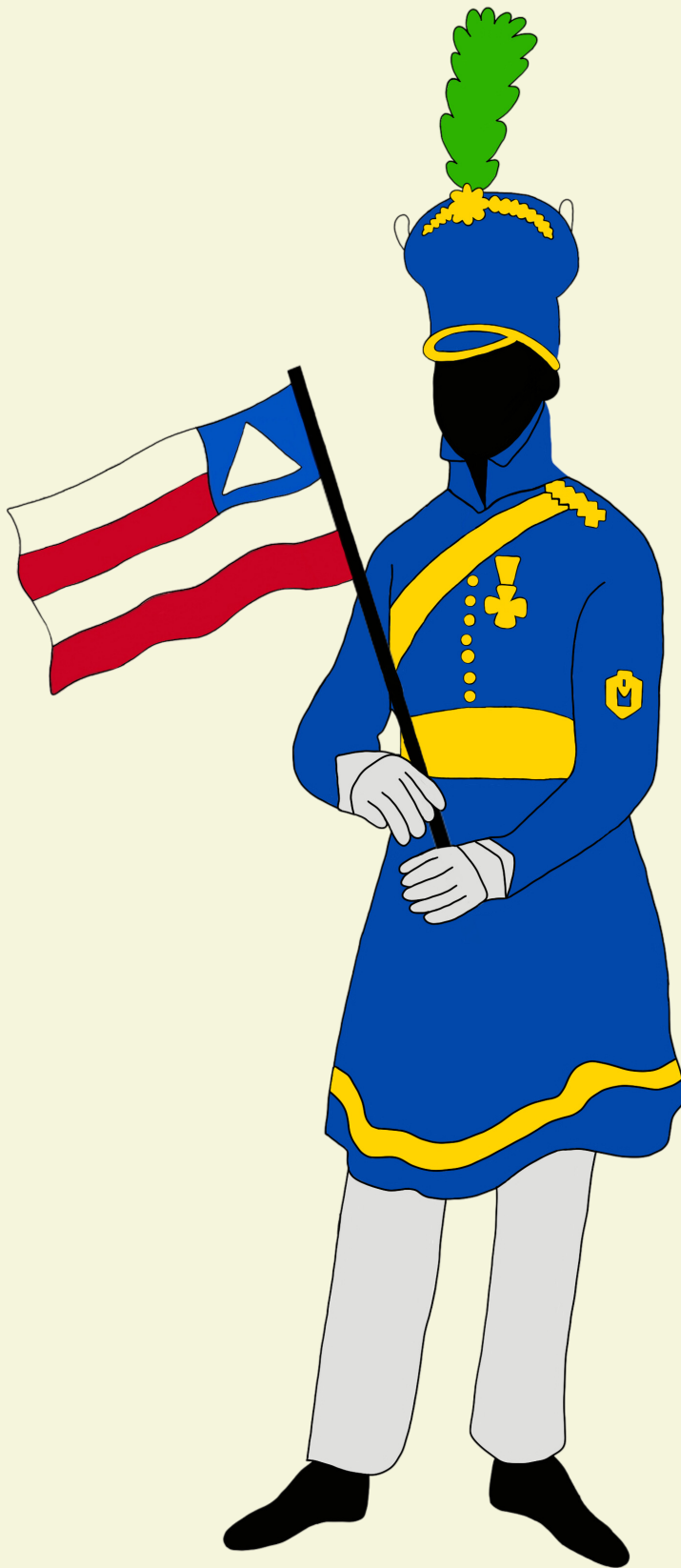


Ilustração digital de Ronaldo Porto "Agrestino"

PRETO ANCESTRAL

A minha poesia é preta e ancestral,
um grito de liberdade a nossa força vital,
ser racista é algo irracional,
não sou descendente de escravos,
sou preto de uma família real.

Conhecimento é a palavra que todo preto deve usar,
pois não me oferecem livros,
para eles estou sempre armado, pronto para assaltar.
Que as minhas falas sirvam sempre de argumento
e sejam grandes sustentos para o povo preto se afirmar.

Quando eu digo Conhecimento,
eu falo do meu amor,
pelas pretas e pretos que nunca se entregaram,
eu falo da minha história,
conto minha trajetória
de um preto merecedor.

Sou da Realeza, doutor!
Tu não pode duvidar,
fui batizado no dendê
debaixo de um baobá,
gerado no útero da Oxum,
tenho a força dos guerreiros
aqui deste meu lugar.

Não adianta ouvir minhas falas
e dizer que se comoveu,

se tuas ações são como balas
daquelas teleguiadas
com endereço e hora marcada
que matam pretos como eu.

POETA ATANAEL BARROS, 22 anos, nascido e criado em Água Fria/Bahia, escreve desde os 14 anos. É poeta, palestrante, graduando em História, mobilizador cultural e escritor de literatura negra

EU SOU A HISTÓRIA

Olá! Eu sou a história, mas não a dos contos de fadas. Eu sou aquela que foi escondida e romantizada; eu sou aquela que foi mudada, onde a invasão virou descobrimento e a escravidão foi considerada inexistente. Por sorte pertenço a um povo resistente.

Olá! Eu sou a história, mas não é colorida e encantada. Eu sou aquela que pelos livros não foi contada, mas ignorada. Faço parte do passado de um país com problema de memória, que mata os originários desse território: os Guardiões dessa terra.

Um país que tem na sua bandeira a frase "Ordem e Progresso", mas vive em desordem e retrocesso. Por isso precisam de mim. Um povo que não conhece seu passado está propenso a cometer os mesmos erros no futuro. Então, divulguem-me, espalhem-me, procurem-me.

Olá, eu sou a história e te garanto que será um prazer me conhecer.

MARIA CLARA TUMBALALÁ, 19 anos, é estudante de Direito pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e indígena do Povo Tumbalalá, localizado na Bahia. Membro da Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAÍ), desenvolve um projeto para coletar narrativas de memórias de comunidades tradicionais e atuou no Cunhataí Ikhã (meninas na luta), projeto realizado pela ANAÍ e o Fundo Malala.

O QUE CABE EM MIM?

Eu interrogação

Eu mudança

Eu contradição

Corpo passagem

Corpo vontade

Corpo rio

Memória molde

Memória chama

Memória remédio

Cabem quantas lembranças forem necessárias para incendiar um passado
limitante inventado para mim

Cabem as bifurcações, cabe o esquecimento de mim

Cabe o olho nas costas, o arrepio que me conduz

Cabe a vontade que me engasga, a palpitação que me paralisa, a água que
acalma minha cabeça

Cabe um rio inteiro

MATHEUS GUIMARÃES é artesão, cordelista, artista visual, engenheiro civil pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Construtor do Espaço de Criação Chão de Palha, segue buscando possibilidades de expressar o que sente e acredita por meio da arte, seja ela em pinturas, desenhos ou poemas. Nascido em Feira de Santana/Bahia.

MINHA CORPOREIDADE

Meu corpo é preto como preta é a noite
meu corpo é África, Brasil em mundos livres
pois sou negro, negra e negre
ainda que com muitos gritos e açoites...
Como um corpo solto nos mundos e vidas
sou a selva de mundos internos
sou a luz que ama a escuridão tão necessária
sou minha história viva e encarnada,
sem medos, sem nada
com amor e fé...
Sou minha ancestralidade no corpo, na mente e na história
sou minhas yás, minha vó e minha mãe
sou um corpo preto sendo e fazendo história
com a existência permeada de memórias...
Sigo no mundo como um poema vivo e intenso
cheio de sons e atuações ricas de elementos,
pautando e existindo ainda que seja mira...
O foco e o alvo em muitos momentos...!

ROBERTO NETO é cantor, compositor, músico e apaixonado por leitura, escrita (com escritos de poemas iniciados ainda na adolescência e alguns recitados na faculdade de modo informal), teatro e música. Feirense, engenheiro-agrônomo, mestrando pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e coordenador do Projeto Afro Literário Leitura Negra.

CACTO

Eu não nasci cacto
Talvez a aridez dos solos
Ou as minhas lágrimas
Se acumularam em meus tecidos
E eu me tornei cacto

Mas me lembro bem
Quando eu cheguei aqui fui plantada no jardim
Junto com todas as outras espécies
Será que na minha vez o adubo acabou?
Ou talvez esse seja o meu destino

Eu até tentei ser orquídea ou girassol
Mas quando tinha água não tinha substrato
E quando tinha substrato, faltava água
Acho que quem eu me tornei, era inevitável
Mas é inevitável também pensar em um destino diferente

Acho que já falei demais de quem eu poderia ser
Eu sou, quem armazena água e não passa sede
Sou quem enfrenta a ira do sol
Sou o esquecido, porém independente
Sou força, proteção e sabedoria
Eu sou resiliente!

LAISA MATTOS é graduanda em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), poeta e pesquisadora da cultura e história afro-brasileira reimaginada na obra *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo.

DAS MARGENS DO LITORAL AOS CENTROS DO SEMIÁRIDO BAIANO: RESISTÊNCIAS CONTRA A COLONIZAÇÃO DE UM CORPO PRETO TRAVESTI

Ventre do navio, de África trouxeram, povo acorrentado, seus sonhos perderam,
Xangô olhou dos céus, mas não pôde evitar.

A tragédia que se abatia a escravidão a fustigar, chegaram à Bahia com
coragem, mas dor no olhar.

Lavaram pedras com sangue sem se curvar.

Com sal e suor, construíram um império, enquanto o colonizador mantinha seu
critério.

Na senzala, não importava gênero ou idade, a opressão era igual, uma cruel
realidade.

Mas uma alma destemida, Xica Manigongo seu nome, desafiou os chicotes e
as normas de gênero europeia, escrevendo seu renome, a travesti ancestral, da
Bahia pioneira, desafiou o colonizador com bravura sincera, foi torturada e
morta, num ato de terror, mas sua coragem inspira, até hoje, quem luta contra
as opressões de raça e gênero com fervor.

Xica Manigongo, corajosa e sem igual.

A primeira a abrir as correntes num gesto TRANSicional fazendo surgir outras
histórias de resistência e bravura do litoral ao sertão da Bahia corpos Travestis
que ainda lutam por liberdade.

Nenhum cabra-macho criado pelo colonizador conseguirá silenciar nosso grito.

A história de luta e força, continuará a ecoar,
nossa ancestralidade orgulhosa a nos inspirar a avançar.

Que Xangô nos guie com sua luz e seu poder.

Nessa jornada de justiça que é nosso dever, com coragem e resiliência,
continuaremos a lutar,

pela equidade e liberdade, sem recuar, sem cessar. TRAVESTIS NEGRAS E
SERTANEJAS contra as opressões produzidas por colonizações.

DENYSE DE ALMEIDA DOS SANTOS é natural de Senhor do Bonfim/Bahia e residente em Feira de Santana/Bahia. Pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), mestra em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e especialista em Educação Inclusiva e Diversidade. Mulher travesti e pesquisadora das travestilidades sertanejas.

QUEREM SABER DE ONDE EU VIM

Querem saber pra quê eu vim, mas não liga de onde eu venho!

A realidade que a mim se retrata vai muito além de filme, novela ou desenho.

Pro Estado genocida derrubar minha cor é tipo ganhar um prêmio.

Mas me diz: quanto vale a porra do teu prêmio?

Não precisa dizer.

Eu conheço teu medo sinhô de engenho, mas há quem diga que a carne mais barata do mercado é a carne preta...

Ha ha ha.

Cês tão muito enganado!

Eu conheço o meu valor e sei dos meus antepassados, sou descendente de reis e rainhas e não descendente de escravos!

Você queria usurpar a coroa, mas minha coroa hoje é meu black armado, meu cabelo trançado ou raspado!

Na minha história trago a dor, o renascimento, e hoje uma mona preta dá início ao seu legado.

Hoje a Vera Verão, porque eu já passei do inverno passado, infernos passados!

Me lembro bem de Claudia, que teve seu corpo arrastado.

Eu quero guerra com o Estado!

Trago revolta no esboço, ressurgir do fundo do poço, isso é ódio de mais pra um favelado.

Revolta de um corpo que foi calado!

Pelo racismo ou homofobia, pela transfobia que pelo Estado foi implantado.

Com uma heterossexualidade frágil, mas na calada da noite quer pagar as minha pique pedágio!

Mas pra pegar é assumir?

“Eu nunca te vi” ou “eu sou casado!”

De dia me xinga na rua e à noite quer comer meu ** han!

Não vai rolar!

Desde quando eu intendi o meu valor, eu não me contento com o básico.

Só porque tu tem uma varinha, pô

tu tá se achando o mágico?

Pra mim você e Mister M, e eu sou uma mona preta, uma Bruxa Negra, e eu não me contento com o básico.

Já não basta na minha favela faltar saneamento básico!

Falta estudo, falta comida, falta cultura e tem de sobra o tráfico.

Pra driblar o sistema vocês pensam que é fácil?

Mas eu te convido a sair da tua novela, a sair do teu filme, e vê como a cultura sobrevive dentro da viela.

Isso aqui é *made in* Brasil, 075, zona leste, aqui quem fala é mais uma sobrevivente cria de favela.

ALIKA DA LUA é natural de Feira de Santana/Bahia. Conhecida também como Dama de Copa nas batalhas de Rimas/Rapper. É poetisa e escreve poemas desde 2018. Hoje é destaque nas rodas de rimas como MC de batalha, sendo pioneira das batalhas de rimas na cidade.

O PRECONCEITO É FEIO

Preconceito é um absurdo
São palavras ditas no escuro
Sua opinião não me define
Sei quem sou
Vivo de amor.
Tenha respeito pelas pessoas
Cada uma com o seu jeito
Chega de rancor!
Mas o que importa a cor?
Deus olha o coração
Não devemos fazer distinção de cor
Seja branco, preto, amarelo.
Todos têm na cor a beleza infinita
E um mistério de si.
O brilho glamoroso
Cada pessoa é um tesouro
Viva as cores diferentes!
E a imensidão de gente
As belezas contagiantes
Que enriquecem os lugares
A cada instante.
Deus criador do universo
Eu te agradeço!
Minha pele é linda!
A cor da terra
O mistério da serra.
Representa a bravura da minha gente que foi escravizada
Negro é guerreiro, brasileiro
Teve o sangue derramado
Mas hoje tem o seu lugar conquistado
E em muitos lugares o nome aclamado!

ETELVINA MARIA DE JESUS NETA (1994), nascida na cidade de Santa Bárbara/Bahia, vive em Lamarão/Bahia. Possui licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XI. Escreve desde o ensino médio e gosta de escrever poesias sobre diversos temas. Ainda não tem livros publicados.

PASSAGENS

Em minhas solidões,
peço a proteção de quem me guia,
sigo pelas ruas que comem minha carne
e matam meus sonhos,
[antes de 99].

Antecipada pelas dores passadas,
tento em minhas rezas
curar os Meus que me trouxeram até aqui.
Retorno todos os dias,
ao fundo do atlântico,
[não sei nadar],
busco minha inteligência ancestral!

Em minhas encruzilhadas,
[de balas perdidas],
encontro vida,
me torno palavra-imortal.

ITHANA GOMES, nascida em Santo Estevão/Bahia, carrega em sua alma o orgulho de se reconhecer como nordestina, negra, lésbica, professora e escritora. Já fez parte das importantes antologias *Literatura Negra Feminina: Poemas de Sobre(Vivências)* e *Cartografias Poéticas: A joia do Paraguaçu em cena*.

O COURO CRU DA FEIRA

as solas rachadas nas poças de lama indicam o corre-corre
é um bem a selvageria cortante
do vai e vem
os dedos se tocam
moedas trocadas
sacolas cheias de frutas, verduras e cheiro-verde
o sorriso desdentado segura o rosto animado
às vezes mesclado de pinga logo no amanhecer do dia
mas tudo funciona ali
na feira.
de tudo que era lugar se via cruzar
num anel místico
os caminhões de rotas eternas
num município fundado a ferro e fogo em cima de uma feira livre.
ali a poética se esparramava solta nas mãos dos vaqueiros e viajantes
e a venda tão latente
e os olhares recorrentes
fizeram do município uma das cidades da Bahia mais atraentes.
e ali naquele lugarzinho, lá no canto do mundo
onde dizem não ter poesia
as mãos carregam seus filhos nas madrugadas para vender as carnes e as
verduras
tão duras e cruas.
e ali se fez a gênese do poema mais vertente
que escorre em todas as mentes.
o anel
que agora atinge o céu em várias barracas a armar, despenca neste poema
que não se quer calar.
Feira de Santana é tão poética quanto qualquer santa, e foi nas mãos das
mães de santo que se fez girar parte da cultura popular – o acarajé e o
abará

e aqui digo, então, meu caro. Feira é secular como teus dedos a rolar daqui até lá, nas rotas sem fim.
como azul anil do mar, tão calada que se deixa levar, a cidade adormece sob os feirenses latentes de mãos duras a madrugar.

JUAN GLAVEMBURGO (1998) nasceu em Feira de Santana/Bahia. É estudante de Filosofia, poeta, apaixonado por histórias contadas ao redor de fogueiras. Desde muito pequeno se encantou pelo poder criativo das palavras e como a linguagem poderia criar caminhos de possibilidades.

CIDADE PRINCESA

Dê vossa licença e escutai
Um professoeta desta cidade
O poeta é do Feiraguay
Mas o professor é de verdade!

Em dias de verão
Aqui é Feira de Quentana
E ali vão Maria e Mariana
Cada uma com sua sobrinha
Imagina esse calor todo
Se a princesa fosse rainha?

Se atrasam meu salário
Chamo Feira de Sacana
Perdão, Senhora Santana
Aqui sou imigrante
E vim atrás de grana

Daqui é que eu não sou
Mas é nessa princesa-terra
Que desenvolvo meu labor
Pelos futuros cidadãos feirenses
Vou lutando e vou formando
No meu ofício de professor

Já troquei você por tu
E o casaco por capote
Moro lá na Zona Sul
Num achado que dei sorte

Em Itapuã
Deixei o mar

Jacuípe agora é o meu rio
Qualquer coisa que eu falar
Se mistura com
Tu já viu?

Eita cidade grande,
Eita cidade potente!
Com trabalho e muito amor
Atrai é meio mundo de gente
Quem não presta é os coroné
Um lote de homi insolente

Feira, tu é linda
Do Sertão, és a princesa
Viva os 190 anos
Da cidade altaneira!

WILLIAM CONCEIÇÃO DOS SANTOS é professor de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Educação de Feira de Santana e pesquisador das áreas de Literatura Comparada e Teoria Literária.

(IN)TRANSCENDÊNCIA

Quase me perdi...

Quase me perdi, não pela cegueira da vista
Ou ao menos o caminho fosse estreito, ou bifurcado
Tinha em mim um caminho ideal
Pouco condizente com que me era real
Deixei a ingenuidade do desejo e do sonho
vagar por onde não me fosse caminho

Tentei achar no mundo as paisagens
que eram o meu mundo
As fantasias que eram o meu desejo
Pegadas por mundos desconhecidos
Destilando rotas impróprias

Quis encontrar a maneira justa e certa
Para justificar os meus erros na linha da balança
Como quem lança o milho no cavar da charrua
Para que encontre propósito quando se põe a rua
Enquanto caminho com os olhos de lua

Quis tanto,
Poder dar direcção ao vento com as minhas próprias mãos,
Com a minha própria possibilidade ao limite
Sem nenhum ponto cardeal
Para não deixar que o bailar das folhas das árvores
seja uma condição *sine qua non* da qual o vento ganha destino

...

E hoje...
Como vento que procura uma rota própria
Na conformidade do tempo

Escrevo-te neste papel vazio tanto quanto eu
À tinta da solidão de quem é só
Este verso confuso que te pode parecer:

Do vento, quero apenas a melodia
que rasga o silêncio do vazio no coração

BENTO MUTOBA (1999) nasceu na Massinga/Moçambique. Graduado pela UniSave (2022) e mestrando pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O seu amor pela arte literária desponta em 2016 como resultado do contato com alguns escritores. Tendo começado a exercitar a escrita no mesmo ano. Possui alguns textos em antologias.

A CASA É GRANDE, MAS A REVOLTA QUE TRAGO DA "SENZALA" É MAIOR

A Casa Grande caiu!

Mas a luta continua, que ninguém se esqueça!

A Casa Grande é sinistra:

é grande, é difícil de varrê-la!

Ela era uma quando entrei e será outra quando eu sair.

Tem uma carga horária desumana,

um alimento básico/bizarro.

É uma segregação de gênero e raça.

Enquanto um é doutor,

o outro quer ser professor, que vive uma desgraça!

A cor preta é a cor que mais falta para pintá-la.

Vamos varrer a casa grande,

vamos trabalhar igual cupim.

O MAIS UEFS não emancipa o negro, o não-hétero, o indígena e o pobre, não.

Sempre tem uma sinhá ou um sinhô nos liderando, e um negro só para compor a chapa.

Vamos derrubá-la e no terceiro dia levantá-la.

É preciso ter um espírito de revolta.

Também é preciso juntar essa revolta.

Vamos tomar o Auditório Central e fazer nossa ruptura com arte, poesia marginal e ciência.

Vamos nos aquilombar, nos unificar lá dentro.

Porque o mito da Democracia Racial não cola mais, Gilberto Freyre.

Eu vou aprender a ler para ensinar meus quilombolas.

Quando eu venho do quilombo, eu não venho só...

Eu vim para tirar o sono dos "meus senhores".

Pois eu sei o que é bom, e o que é bom eu quero também: A-boa-lição!

Acendo, bolo essas ideias e trago cada dia mais um dos nossos para o Casarão.

Espero que essa travessia não me afunde.
Só quero terminar como o Galvão,
E não como o Casa Grande.

MACHADO DE JESUS (1996) nasceu em Santo Amaro da Purificação/Bahia e vive em Santa Bárbara/Bahia. Um homem preto, evangélico, graduando em Letras-Português pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). É poeta e escritor com dois livros publicados: *Um Semeador de Poesia* e *Dom Amaro*. Escreve desde 2017.

MEMÓRIAS DO PRESENTE

Nasci do berço do mundo
E como pequena tartaruga fui jogada ao mar
Ao som dos risos de um povo imundo
Salguei as feridas antes que parassem de sangrar
Dias e noites no balanço das águas
Lembrei-me do ventre de minha mãe
Pois no meu, meu filho não teve morada
Roubado ainda nem nascido pelos cães.

Por muito tempo não pude me chamar de mulher
Era fábrica de trabalho, objeto de lascividade
O gado possuía mais dignidade
Porque ele ao menos podia ficar de pé
Gritar? Como? Se as mãos invisíveis sufocam meu pescoço
Selvagem, grossa, mal-educada
Palavras que me causam desgosto
Amarras que ainda deixam marcas.
Marcas... que lavei com minha liberdade
E dos açoites minha pele ainda arde.
Mas os mesmos dentes que forcei a morder
Hoje enfim podem em risos aparecer

Os prédios que meu sangue ergueu
As ruas que fiz e não podia andar
Meu povo reivindicou o que é seu
"Sou preto sim e sei onde é o meu lugar!"
Meus pés não pisam mais a senzala
Minha alma está muito além do seu paraíso
Não caibo no quartinho da empregada
Não tem "sim, senhor", sou meu senhorio.

Meu cabelo indomável é extensão do meu espírito
Meu corpo robusto a beleza da terra sagrada
Terremoto que soterra o injusto
Herança muito invejada.

Porém, de minha face ainda desdenham
Os quinhentos anos não findados me gritam: “escrava!”
Minha ancestral me lembra: “tu não tens medo de fantasma”
O mundo é meu engenho.

SARA ALMEIDA DE JESUS E JESUS (2001), nascida e residente em Feira de Santana/Bahia. Estudante de licenciatura em História, escreve desde os 12 anos, não possui obras publicadas.

AQUILOMBAR

Aquilombam-se histórias, resistência, memórias,
o território é banhado pelo Paraguaçu.

E guerra travada contra gente pobre

Manda quem pode – enfrento porque sou resistência

Maria do Paraguaçu também lutou;

apesar da origem pobre e com a falta de sorte em aprender a escrever

Mas se for para falar de labuta, é doutora no assunto,

de conflito, violência, sabe mais que o velho mundo.

– É assim que eles agem!

Tem repressão policial, tem a emissora que quer aumentar audiência, forja, monta,
exibe. Tem uma dona que finge, registra queixa.

Querem nos dar uma sentença: falsos quilombos.

Juiz que nem sabe o que é quilombo é quem decide quem é o dono.

O estado nos mata, mestre Altino partiu, com a intimação que recebeu.

Pensa aí se fosse um fazendeiro? No mesmo dia até o policial era preso,
mas, porque é gente humilde, aí não tem vez.

Se o verbo é luto, eu luto. Podem dizer que é reserva, eu digo: – É quilombo, teve
sangue de preto derramado nesse chão. Se ele trabalhou, apanhou, não recebeu,
como tu diz que é teu, se não pagou um tostão.

– Área de titulação coletiva, quilombo! Não pode ser vendida, e não tem um só
dono não.

É terra de memória, de Altino, Maria e Glória, de suor preto foi feito esse chão.

O povo entende e resiste: – Luto pelo que é meu!

Quilombo do Boqueirão.

5 mil e 23 hectares de terra é pouco, diante de 300 anos de escravidão.

O território e sinônimo de pertencimento. A luta é sagrada.

Nossa força é a nossa crença e cultura

A luta é árdua e dura, ser quilombo é resistir.

SHEILA ARAÚJO é natural de Teodoro Sampaio/Bahia, professora de Artes e especialista em
Política e Gestão Cultural. Pesquisadora na área de manifestações culturais (Quadrilhas Juninas)
e literatura infanto-juvenil brasileira. Escreve crônicas sobre a vida no interior do Recôncavo.

GERAÇÃO DE



Revista Geração de 20

Publicação independente do Movimento Poético Geração de 20

Feira de Santana - Bahia - Brasil - 2023

E-mail: revistageracaode20@gmail.com

www.geracaode20.org

Apoio Financeiro:

FUNDAÇÃO
CULTURAL
ESTADO DA
BAHIA



SECRETARIA
DE CULTURA